# O PENSAMENTO HIGIENISTA DE EDUCAÇÃO EM JOSÉ VERÍSSIMO E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Marlucy do Socorro Aragão de Sousa[1]
Dorilene Pantoja Melo[2]

## Introdução

Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre o pensamento higienista de educação proposto por José Veríssimo em sua obra A Educação Nacional, mais especificamente no capítulo IV, que trata da Educação Física. Utilizou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica acerca da temática, abordando questões importantes para o entendimento do movimento higienista no Brasil, seu contexto histórico e as propostas de intervenção no sistema educacional.

Neste cenário, lançamos como questão orientadora deste estudo: como o pensamento higienistaa está representado na proposta educacional de José Veríssimo e na formação da criança, especificamente em sua obra *A Educação Nacional*?

A partir dos elementos expostos, a sistematização do estudo ocorrerá em quatro seções: a primeira sessão apresenta um breve contexto sobre o movimento higienista no Brasil; na segunda sessão apresentamos as propostas sobre a Educação Nacional ,destacando a Vida e Obra de José Veríssimo; já a terceira sessão é construída a partir da analise do IV capítulo da obra que trata da Educação Física, tendo como destaque "a regeneração do corpo e a formação da criança"; a quarta e última sessão apresenta algumas considerações finais sobre a temática.

## O movimento higienista no Brasil

O movimento higienista pode ser caracterizado como um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade ocidental. Pretendendo mais que definir novos padrões de saúde, tinha na educação de novas formas de sensibilidade uma das suas principais motivações. O higienismo acompanhava o recente desenvolvimento urbano da

[1] Mestranda em Educação (Educação, Cultura e Sociedade) na UFPA. Graduada em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Vinculada aos grupos de pesquisa "Constituição do Sujeito, Cultura e Educação – ECOS" e "José Veríssimo e o Pensamento Educacional Latinoamericano" da UFPA. Endereço eletrônico: marlucysousa@yahoo.com.br.
[2] Mestranda em Educação (Educação, Cultura e Sociedade) na UFPA. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Vinculada aos Grupo de Pesquisa em Educação Rural da Amazônia-GEPERUAZ . Endereço eletrônico: dorilenemelo@yahoo.com.br.

sociedade, visando uma mudança nos hábitos que, aos olhos dos estrangeiros, não tinham muita preocupação com os cuidados sanitários, o zelo na vestimenta, nem atenção à preservação de um espaço íntimo familiar.

A criança era outro alvo importante para o movimento higienista. Como afirmavam, a infância é a idade de ouro para a higiene mental. Na família, assim como na escola, a criança passa a ser o campo de ação mais promissor dos higienistas, que não se preocupavam mais somente com a saúde física, mas também com a saúde mental. Recomendavam um acompanhamento cuidadoso na fase da infância, por ser esse o momento da formação do psiquismo, o momento em que se estruturaria a personalidade. Essa fase era ideal para se instalarem hábitos sadios no psiquismo da criança, evitando-se, assim, o surgimento de personalidades desequilibradas.

As preocupações com a infância – nascimento, lactação, banhos, asseio corporal, vestuário, com a vida doméstica, saúde e papel social da mulher, limpeza, prevenção de doenças e vícios como o álcool e o jogo – e com o espaço público – urbanização, ordem, combate à propagação de moléstias e epidemias – formam um conjunto nada desprezível sobre o que pode ser caracterizado como moderno e modernizador. Muitos dos higienistas diziam, com insistência, que o atraso do Brasil com relação à Europa era por causa da falta de saúde e educação. Explicavam a situação miserável do Brasil com base nos fatores sociais e afirmavam que se tivessem ajuda financeira do Estado desempenhariam o papel de modernizadores brasileiros. Tomaram o primeiro passo criticando a situação de abandono e negando a inferioridade biológico-racial do povo.

No Brasil dessa época, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a incipiente industrialização, a nova feição das cidades, o aumento do comércio internacional, as correntes imigratórias e, principalmente, a presença de contingentes populacionais “livres” concentrados no espaço urbano deram nova complexidade à estrutura social do país. Aos dirigentes republicanos interessavam o desenvolvimento de um projeto de controle higiênico dos portos, a proteção da sanidade da força de trabalho e o encaminhamento de uma política demográfico-sanitária que contemplasse a questão racial.

A origem dos temas referentes ao movimento higienista teve início, no Brasil, no fim do século XIX e início do XX, visto que este tinha como objetivo uma modificação no comportamento da população brasileira. A partir do último quarto do século XIX e, principalmente, nas três primeiras décadas do século XX é que se viu uma verdadeira cruzada higiênica que mobilizou médicos, educadores, engenheiros e todos aqueles ligados de alguma maneira à causa da instrução pública.

O crescente movimento pela renovação pedagógica oferecia o esteio propício para que, pela via da biologia, da psicologia e da antropologia, principalmente, a higiene como corpo doutrinário ganhasse espaço no âmbito escolar. Daí as iniciativas em torno da sua implantação nas Escolas Normais, nas quais podemos localizar temas ou disciplinas tais como a própria Higiene, a Puericultura/ Paidologia, Trabalhos Manuais, Prendas Domésticas, entre outras.

No Brasil por volta do final do século XIX, as classes ditas perigosas, constituídas pelas populações mais pobres, apresentavam perigo social devido aos problemas que ofereciam à organização do trabalho, a manutenção da ordem pública e perigo de contágio.

No término do século XIX e início do século XX surgiu o movimento higienista no qual tinha a proposta de cuidar da população, educando-a e ensinando-a novos hábitos civilizados. Desse movimento participaram vários intelectuais que tinham em comum a vontade de melhorar as condições de saúde do povo brasileiro.

**José Veríssimo e as propostas de educação nacional**

A construção de uma ordem civilizada constituiu-se em um sonho dos homens da ciência médica e de diferentes intelectuais do Brasil do século XIX. Homens com olhos e ouvidos voltados para um mundo considerado civilizado, recusavam-se a aceitar a vida e parte das condições do país em que viviam, no qual muitos haviam nascido e se formado.

Neste cenário, não por acaso, é que surgiu um grande número de intelectuais colocando na pauta das discussões temas variados no sentido de construir um discurso que embasasse as mudanças necessárias para formar um país moderno e civilizado aos moldes dos paises europeus, as referências para os paises latino americanos, entre eles o Brasil.

Eis que surge a importante figura de José Veríssimo Dias de Matos, que nasceu em Óbidos no Pará em 1857, estudou no Rio de janeiro, onde voltou a morar até seu falecimento em 1916. Desenvolveu boa parte de suas atividades em Belém, onde fundou e dirigiu o Colégio Americano (1883-1890), foi diretor da instrução pública neste mesmo ano e produziu uma série de atividades ligadas a produção de textos para revistas e jornais locais. Sem dúvida teve um papel destacado não só na educação paraense, onde ocupou cargos públicos, como em outras atividades, como escritor e crítico literário, embora não sejam estas o nosso objeto neste artigo.

Veríssimo viveu num contexto sociopolítico da segunda metade do século XIX, momento em que grande parte das produções intelectuais eram marcadas pela intenção de

entender o Brasil por meio de concepções européias. Neste sentido, Veríssimo foi um intelectual nortista que compôs um conjunto de intelectuais brasileiros, que inseridos numa conjuntura de passagem da Monarquia para a República, se empenharam numa construção teórica, política e ideológica pautada no ideário da modernização do país, construído por meio da mescla entre o positivismo, o nacionalismo, cientificismo e republicanismo.

Nesses escritos apresentará como referências os escritos positivistas de Comte, Spencer e Stuart Mill, como aliás a maior parte da intelectualidade brasileira, naqueles que não eram literários evidentemente, isto poderá ser observado mais adiante quando analisarmos as obras sobre a educação.

As informações biográficas sobre José Veríssimo permitem ilustrar a amplitude de sua contribuição à cultura brasileira. Jornalista, educador e crítico literário, Veríssimo buscou, a partir da incansável dedicação ao trabalho intelectual, construir, à época, um modelo brasileiro de pensamento crítico, objetivo que se evidencia na sua rica e diversificada produção intelectual.

Para tratarmos sobre o que consistia a proposta de uma educação liberal, nacionalista, republicana e civilizatória, resolvemos analisar o livro de José Veríssimo, intitulado A Educação Nacional, por pelo menos três motivos: primeiro, porque esse texto inaugurou a República, foi publicado em março de 1890; segundo, porque nele há uma defesa explícita da sugestão de uma proposta educacional que viabilizasse o projeto sócio-político da República; terceiro, porque nos apresenta propostas de reformulação das disciplinas curriculares para atender a uma educação nacional, o autor destaca a Educação Física como um componente curricular apto para regenerar/ higienizar o corpo.

O livro "A Educação Nacional" escrito por José Veríssimo foi publicado pela primeira vez no Pará em 1890, republicada no Rio de Janeiro em 1906 e reeditada em 1985. Ressalta-se que a análise anunciada foi realizada tendo como base a terceira edição da obra.

A Educação Nacional, estruturado num pensamento ideológico liberal-positivista, parte do pressuposto de que a civilização e o progresso são determinados por um povo moralmente regenerado. Por isso, Veríssimo inicia seu livro dizendo que tem "examinado contristado a situação moral do Brasil", pois é ela que determina a evolução histórica de um povo. O atraso histórico é devido ao atraso moral, isso porque no entender do ex-diretor do Ginásio Nacional nem mesmo a República, que "há de ser um bem..."haja visto, que comporta formas políticas e administrativas mais largas que a monarquia" não será a força determinante para mudar a estrutura social, mas o povo: "A história é feita com elementos, o povo; é, pois, o povo, e não o governo, que em definitivo pode radicalmente mudar as condições de uma

nação, cujos vícios e defeitos são antes seus que dos que administram e dirigem". Assim, para completar a "obra da revolução", ou para alcançar os países cultos, portanto ricos, não bastava reformar o governo, mas reformar os hábitos do povo através da educação. Diz Veríssimo: "para reformar e restaurar um povo, um só meio se conhece, quando não infalível, certo e seguro, é a educação" (VERÍSSIMO, 1985, p. 43). Uma educação capaz de reformar e restaurar a moral de um povo - a educação nacional.

O povo brasileiro, submetido às condições brutais de trabalho na agricultura ou nas nascentes indústrias e às condições insalubres de moradia, principalmente nos bairros operários populosos no Rio de Janeiro e São Paulo, verdadeiros cortiços, é interpretado como um povo cheio de vícios e defeitos que precisava ser "regenerado" por um sistema de educação. O caráter brasileiro, "indolente e mole", precisava ser corrigido por uma educação nacional, cujo conteúdo moral de nacionalismo, à semelhança dos Estados Unidos despertaria o sentimento patriótico.

À educação cumpria a tarefa de regenerar o povo não só no temperamento, princípios e costumes novos, mas também ser capaz de gerar o que o Estado enfraquecido não conseguia - "um espírito novo, o espírito nacional", um sentimento nacional que faça da pátria "não só objeto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho"( VERÍSSIMO, 1985, p.51). Além disso, a educação nacional, "pedra angular da grande república" e do capitalismo industrial nascente, deveria também educar os cidadãos para o trabalho, retirando deles o "pendor para a indolência".

Não se pode deixar de considerar que a concepção de educação construída pelo autor em análise é um projeto em que a sociedade em geral (família, escola, política,...) deve se engajar, como apresenta o trecho a seguir:

> A educação da criança, e mais a educação de um povo, que é a coletividade de inúmeras crianças tornadas homens, para ser perfeita e completa e dar quanto dela se espera, deve começar gerações atrás, para utilizar também, não só a escola, que é obra de momento, e apenas um dos fatores da educação, e por si só insuficiente, mas as aptidões adquiridas dos seus progenitores e as granjearias da sociedade cuja é (VERÍSSIMO, 1985, p.33).

**A regeneração do corpo e a formação da criança**

*"É desde a primeira infância que a educação física bem compreendida deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes" (JOSÉ VERÍSSIMO)*

Como categoricamente se informou, intenciona-se aqui a análise do capítulo IV a Educação Física, para tentar evidenciar como José Veríssimo percebia a educação física e sua importância para a formação do homem, principalmente quando criança ainda. Analisando este capítulo, o autor começa por chamar Herbert Spencer para fazer, por meio de uma citação, a crítica ao fato de que apenas no final daquele século se começava a falar de educação física no Brasil, quando na Europa isto já acontecia desde o início daquele século.

Outros aspectos ressaltados por José Veríssimo neste capítulo, são: a questão da psicologia científica como base para uma educação e educação física, a observação de que os exercícios deveriam ser selecionados, idade da segunda infância como ideal para serem iniciados, a dificuldade de implementar um sistema de educação física, pois as pessoas instruídas estavam envolvidas com outras atividades e costumes não aceitando exercícios físicos.

Como a educação nacional era essencialmente uma "re-educação" dos costumes, e isso implicava em redefinir os desejos da corporeidade brasileira através de seus hábitos motores, Veríssimo sinalizava a necessidade premente de introduzir a educação física nas escolas e principalmente nos costumes populares, não para valorizá-los, mas para corrigi-los. A Educação Física precisava corrigir o que "enfraquece a nossa raça", diz Veríssimo, tais como: o "erotismo prematuro", a "falta de higiene", a "privação de atividade e preguiça para o trabalho"(VERÍSSIMO, 1985, p.91). Uma Educação Física capaz de ser "remédio" para todas essas "doenças" que enfraquecem o povo brasileiro não poderia ser qualquer Educação Física, mas uma que abrangesse a Higiene.

Neste sentido, percebe-se que a concepção de educação física presente em José Veríssimo é aquela que pensava uma educação do físico, representada em um corpo forte e saudável, cujo propósito era servir à construção de uma sociedade moderna e civilizada. Para o autor, "a educação física, pois, deve tomar o homem criança ainda, no berço, e, através da primeira e da segunda infância, da adolescência e da mocidade, levá-lo à virilidade, que lhe cabe fazer rija e valente" (VERÍSSIMO, 1985, p.83).

Veríssimo destaca o papel importante das escravas/ mucamas na educação física das crianças, pois eram elas que superintendiam na alimentação, nos passos, no vestuário e nos demais atos da vida infantil. Estes hábitos exigem corrigidos e modificados de acordo com os ensinamentos da higiene e pedagogia infantil. Baseada na "Psicologia Científica", a Educação Física "Higiênica" para a infância rejeitava o serviço amoroso e afeiçoado da mucama que educava, segundo Veríssimo, para a moleza e indolência e propunha preparar, desde os primeiros anos, um corpo saudável, forte e, sobretudo útil para as atividades físicas que

exigiam “maior soma de robustez, de força e de saúde: o comércio, a indústria, os ofícios, a lavoura”.

Assim, a Educação Física para Veríssimo era higiênica, não porque utilizava os exercícios respiratórios suecos, mas porque redefinia o corpo, baseado em princípios fisiológicos, para torná-lo “civilizado”. Isto quer dizer uma educação contrária aos padrões de cultura corporal negra, feudal e oligárquica, e definida segundo os padrões ascéticos do “bom animal”, robusto e saudável para ser útil à indústria, pois “nas lutas industriais, também, a vitória depende do vigor físico dos produtores. (VERÍSSIMO, 1985, p.82)

Em fins do século XIX e princípio do século XX, a educação física adquire contornos higienistas e passa a ser tratada pelo poder público e por educadores como agente de saneamento público, na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios que deterioravam a saúde, o caráter e a moral do homem.

Gonçalves Junior e Ramos observam que:

> No caso da concepção higienista, o tema saúde estava em primeiro lugar. Para tal tendência, era fundamental a formação de homens e mulheres fortes e sadios, ou seja, ela protagoniza um projeto de “assepsia social” ligado ao pensamento liberal predominante do século XIX, que acreditava na educação como redentora da humanidade. Assim, vislumbra-se a possibilidade de resolver o problema da saúde pública pela educação e pela educação física, independentemente das determinações dadas pelas condições materiais. (GONÇALVES JUNIOR e RAMOS, 2005, p.07)

O anseio de higienização social passava pela educação do corpo no âmbito escolar, na forma de exercícios físicos, ginástica, canto, jogos e conhecimentos sobre o corpo e o seu funcionamento. Nas conclusões reveladas por Paiva (2003) pode-se afirmar que alguns desses saberes sociais contribuiriam para o engendramento do campo da educação física como área de conhecimento, no Brasil, desde a metade do séc. XIX.

A higiene como parte do projeto de educação do corpo dos escolares não se restringia a esse conjunto de práticas e saberes que se tornariam lentamente o que conhecemos hoje como a disciplina Educação Física. Também no Brasil esse movimento se fez sentir. Inicialmente de forma parcelar no séc. XIX, dada a incipiente disseminação da escola neste país (Gondra, 2004).

Gondra (2010) destaca que um corpo modelado é um corpo higienizado e que, muitos médicos em processo final de sua formação transformaram o corpo do escolar e as práticas escolares em bjetos de estudos, entre eles destacou-se o jovem médico Francisco Antonio Gomes em 1852. Assim, Gondra revela que,

> A questão do corpo, do movimento, dos exercícios ou da ginástica é uma preocupação que ocupa lugar privilegiado na agenda médica fazendo com

> que, ao tratar da educação escolar, também inclua esse tema como um dos aspectos a ser observado no rol de recomendações por eles estabelecidas, de modo a produzir um colégio, alunos, alunas, professores e mestres higienizados. (GONDRA, 2010, p.534)

Ao caracterizar a educação da infância como tempo do repouso para o cérebro e de exercício para os músculos, ele complementa a codificação do tempo escolar, invadindo os recreios, indicando os exercícios que deveriam ser privilegiados nessa ocasião: a música, o canto e a dança. A primeira porque "desenvolve e regula as aptidões do orgão da audição"; o segundo porque "põe em acção os orgãos respiratorios, communica-lhes a força, e engrandece o peito" e a dança porque "além de desenvolver, como ja dissemos os membros inferiores, imprime ao corpo movimentos regulares e regula a cadencia". (GOMES, 1852, apud GONDRA, 2010, p.536).

A escola tornava-se naquele contexto um lugar de disseminação das pretensões quanto ao progresso da nação e a civilização da sociedade, visto que era na criança que se identificava o meio mais proveitoso de se inculcar novos hábitos e costumes. A escola, como local de ensino também da higiene, deveria estar orientada para a defesa social contra as patologias, a pobreza e o vício, que se alastravam pelo país. Os higienistas pretendiam ter na escola alunos amáveis, conscientes do seu dever, para uma comunhão social equilibrada.

A importância da escola e da educação para a higienização social era tida como fundamental, pois elas não estariam mais somente a serviço da transmissão dos conhecimentos e da cultura. Os higienistas se questionavam se valiam os esforços dispendidos na alfabetização de uma grande massa de débeis mentais e desiquilibrados. Julgavam que o progresso e a riqueza de uma nação dependia, também, do equilíbrio mental do seu povo.

O aluno era o objeto por excelência da higiene mental, sendo que na fase pré-escolar seria mais fácil os professores passarem hábitos sadios a eles. Além disso, a escola era considerada um lugar onde se encontra todo tipo de anormalidade, como os “alunos-problemas", os “alunos com dificuldade de aprendizagem”, os “alunos lerdinhos”. Na fase pré-escolar o aluno estava formando sua personalidade, e qualquer desvio nessa fase o tornaria um adulto inabilitado socialmente.

O higienismo largamente difundido pelos médicos, de influência direta do positivismo irá trazer a ginástica, entre outras medidas, como estratégia para modelar e disciplinar o físico das classes dominantes fosse no campo ou na cidade, objetivando a saúde, por meio de todo um conjunto de procedimentos e para toda a família. A temática da infância abriu as portas para esses especialistas (os médicos higienistas) por meio de três pontos principais: a elevada taxa de mortalidade infantil, o problema do menor abandonado e a necessidade do médico na

medicalização da família. O poder médico defendeu a preservação da saúde (higienização) na cultura popular – mudança dos hábitos diários do trabalhador e de sua família, principalmente na criança e no recém-nascido.

**Considerações finais**

Neste artigo, tivemos a intenção de apresentar o pensamento higienista de educação em José Veríssimo e suas influências na formação da criança, especificamente no capítulo IV que discorre sobre a importância da Educação física na formação do homem, bem como contextualizar a origem do higienismo no Brasil e sua relação com os projetos de Educação Nacional.

O higienismo é uma corrente de pensamento que emerge no final do século XIX e que prevalece até meados de 1950, trazendo um discurso sobre o equilíbrio das dimensões do individuo, tanto físico, intelectual e moral. Tem como principal objetivo educar para a saúde, com a finalidade de aumentar a expectativa de vida, através de melhores condições humanas. A criança era outro alvo importante para o movimento higienista. Como afirmavam, a infância é a idade de ouro para a higiene mental.

Nos congressos realizados traziam a escola como um local privilegiado para a divulgação de um modelo de boa educação higiênica, pois tinham em mente que enquanto as crianças continuassem convivendo com os vícios dos pais este mal continuaria a se reproduzir. Assim, para combater o problema era preciso reprimir os supostos hábitos de não-trabalho dos adultos como também cuidar da educação dos menores.

De acordo com Veríssimo, a incorporação da disciplina, da higiene e de exercicíos físicos no currículo escolar tem como base uma teoria científica (Higienismo) que instituiu a higiene como característica de civilidade, para tanto desenvolveu uma série de medida de intervenção do corpo do homem moderno. Como a educação nacional era essencialmente uma "re-educação" dos costumes, e isso implicava em redefinir os desejos da corporeidade brasileira através de seus hábitos motores, Veríssimo sinalizava a necessidade premente de introduzir a educação física nas escolas e principalmente nos costumes populares, não para valorizá-los, mas para corrigi-los. É desde a primeira infância que a educação física bem compreendida deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes.

A partir disso, os higienistas debatiam projetos para a construção de escolas e ofereciam sugestões principalmente para área da educação infantil. A escola tornava-se

naquele contexto um lugar de disseminação das pretensões quanto ao progresso da nação e a civilização da sociedade.

**Referências**

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

GONÇALVES JUNIOR, L; RAMOS, G. N. S. **A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal.** São Carlos: EdUFSCar, 2005.

GONDRA, J. G. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004**.**

GONDRA, J. G. MEDICINA, HIGIENE E EDUCAÇÃO ESCOLAR. In: **500 anos de educação no Brasil**/ organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LBHM. Estatutos da Liga Brasileira de Hygiene Mental. **Archivos brasileiros de hygiene mental.** Rio de Janeiro. anno 1. n. 1. 1925a, pp.223-234**.**

PAIVA, F. S. L. (2003) Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da educação física no Brasil. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.